

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

O Trilho do Gato – William A. Wellman

4 e 29 de Novembro de 2025

Nothing Sacred / 1937

Nada é Sagrado

um filme de WILLIAM A. WELLMAN

Realização: William A. Wellman *Argumento:* Ben Hecht, a partir da história “Letter to the Editor” (com William A. Wellman, e outros, não creditados) *Fotografia:* W. Howard Greene *Montagem:* James E. Newton *Interpretação:* Carole Lombard (Hazel Flagg), Frederic March (Wally Cook), Charles Winninger (Dr. Downer), Walter Connolly (Oliver Stone), Sig Ruman (Dr. Eggelhoffer), Frank Fay (como chefe de cerimónia), Maxie Rosenblum (Max), etc.

Produção: Selznick International Pictures, distribuído através da United Artists (EUA, 1937) *Produtor:* David O. Selznick *Estreia Mundial:* 25 de Novembro de 1937 *Estreia em Portugal:* 21 de Fevereiro de 1938, no cinema Tivoli (Lisboa) *Primeira apresentação na Cinemateca:* 12 de Março de 1993 (“MoMA Museu do Cinema”) *Cópia:* DCP, cor, 73 minutos, versão original em inglês, legendada em castelhano e eletronicamente em português.

Notas

Esta “folha” foi originalmente escrita em Outubro de 2008, quando o filme foi apresentado pela segunda vez na Cinemateca (“Centenário de Carole Lombard”), e apenas minimamente editada para distribuição na sessão de dia 4, na abertura da retrospectiva Wellman que se espraiava nas salas da Barata Salgueiro até ao final de Janeiro de 2026. Por vezes a realidade segue as síncopes da ficção mas não amortece a queda, o que tem implicações práticas. Como esta. Como ficou escrito no texto de apresentação, a retrospectiva propõe um trajeto ziguezagueante, que procura rimas dentro da obra cruzando filmes de registo e cronologia desordenada no curso de três meses de programação nos quais a afinação dos filmes de género segue a par de curvas fugidas, consolidando um cinema que não só resiste como se aprofunda, criativo, nessas sinuosidades. Por isso, indo buscar a ideia a um dos mais pessoais dos seus últimos filmes em infusão com a rebeldia da personalidade artística, se chama à retrospectiva “O Trilho do Gato – William A. Wellman”. (MJM)

O translúcido desmaio de Carole Lombard, diáfana fada entre azuis vaporosos no desfecho dessa cena do filme dá-se na coreografia de um combate com Fredric March. É boxe, há murros, taco-a-taco, ensaiam um último toque no logro que NOTHING SACRED organiza, com a agilidade do realizador que os dirige, encantado com a actriz, encantado com o actor. Ela aterra no fofo colchão da cama do quarto de hotel, improvisado ringue. Transbordantes de graça, imbuídos do furor da desconstrução de todas as imagens, do jornalismo sensacionalista, da sociedade desse consumo, de uma cultura que forja as celebridades pelo tempo fugaz que estas duram impressas em páginas de jornal que rapidamente se transformam em papel de embrulho de peixe fresco. O abalo é forte: a fraude ronda tudo e todos, a violência da sátira é extrema, tão extrema como a elegância que aparenta negá-la, sendo que o jogo das aparências é o que se joga. NOTHING SACRED é dos filmes que o realizador mais estimava, idem para a actriz. É à volta dela que tudo se constrói e desconstrói em frenesim permanente, a todo o fulgor.

Em 1937 William A. Wellman ia na segunda década de cineasta, um espírito independente no coração de Hollywood, um ser de energia vibrátil, a mil na cabeça fervilhante de filmes. Dezoito realizados na década de 1920, vinte e nove na de 1930. Assim mesmo, na fertilidade dos números, nenhuma outra bateu os anos 1930 de Wellman, que somou dez títulos nos 1940 e treze nos 1950... fora os não creditados. Teve um percurso rico de emoções e experiências, na vida de sempre (em que, dizia ele, viveu mais de cem), na vida do cinema, com toda a variedade a que se entregou no contexto dos estúdios, das convenções de género, nas perspectivas pioneiras, clássicas e modernas com as quais as estilhaçou. Irremediavelmente criativo e inovador, orquestrando cada filme (ou quase cada filme) com a noção de que é trabalho de uma só pessoa, por subestimado que tenha sido como um dos grandes realizadores da História do cinema.

Em 1937 Carole Lombard foi protagonista de três filmes, SWING HIGH, SWING LOW, realizado por Mitchell Leisen para a Paramount, NOTHING SACRED, de William A. Wellman para a Selznick International de David O. Selznick e TRUE CONFESSION, nova produção Paramount, dirigida por Wesley Ruggles. Firmava-se uma estrela desde que Hawks a dirigira em TWENTIETH CENTURY. Nesse mesmo ano William A. Wellman realizou, além de NOTHING SACRED, A STAR IS BORN, noutra das produções Selznick (o filme de George Cukor com o mesmo título é de 1954 e o seu legítimo sucesso obnubilou durante décadas o esplendor original de Wellman). Nos dois casos, um melodrama com Frederic March e Janet Gaynor, e a *screwball* que reúne Lombard e March, filmando num fabulosamente criativo Technicolor de três bandas cromáticas, obras que muitos contam entre os seus grandes filmes a par de, cada um no seu género, THE PUBLIC ENEMY (1931), BEAU GESTE (1939), THE OX-BOW INCIDENT (1943) ou YELLOW SKI (1949). Mas também posso, em vez ou além destes, citar as obras-primas WINGS (1927), BEGGARS OF LIFE (1928), os anos 1930 de NIGHT NURSE, SAFE IN HELL, FRISCO JENNY OU HEROES FOR SALE e WILD BOYS OF THE ROAD, THE ROBIN HOOD OF EL DORADO, os anos 1940 de THE STORY OF G.I. JOE OU BATTLEGROUND, TRACK OF THE CAT (1954), GOOD-BYE, MY LADY (1956).

Consensual, o sucesso de Wellman nos seus filmes Selznick foi muitas vezes entendido no contexto do peso decisivo do sistema hollywoodiano dos estúdios, mais como devedor do papel de Selznick do que dele próprio. Também há quem advogue o contrário, por exemplo, Quim Casas (num texto de 2003 publicado na revista espanhola *Dirigido Por*) defende o cunho de Wellman neste filme, lembrando como a ele se devem reconhecidos méritos de NOTHING SACRED que, sim, começa por ter como estrela do elenco dos seus créditos, a assinatura de Ben Hecht como autor do argumento (o único creditado mas não o único dos argumentistas envolvidos, sabendo-se hoje da intervenção decisiva de Wellman) e que, sim, teve em David O. Selznick um produtor atento e intervintivo mesmo ao nível do argumento. Wellman foi, aliás, o primeiro a reconhecer Selznick como o produtor com quem mais gostava de trabalhar e Selznick, por seu lado, testemunhou o reconhecimento da singularidade do realizador.

Nota Casas como se devem a Wellman “os feitos expressivos e a direcção de actores – Carole Lombard está quase melhor do que em TO BE OR NOT TO BE e quase tão bem, ainda no terreno da comédia, como em MR. AND MRS. SMITH, assim como a leitura feroz destilada das imagens em torno da ausência de escrúpulos de diversas e influentes estratos sociais, de que são exemplo as classes médica e jornalística” no sentido em que NOTHING SACRED transforma uma história potencialmente melodramática numa comédia sobre as aparências e as convenções sociais. Conclui Quim Casas, e a conclusão é certa, que “poucas vezes em Hollywood um tema tão fúnebre foi tratado com tão gasosa ironia”. Sem contar este filme entre os seus favoritos, o americano Frank T. Thompson, historiador, grande especialista em Wellman, que defende desde pelo menos 1983, data da monografia *William A. Wellman*, olha-o como uma “comédia negra” vendo como todas as subtilezas giram à volta da ideia da morte, alinhada com ganância, oportunismo, traição. Já o finlandês Peter von Bagh o defendeu muito bem, em 2014 (quando o apresentou em Bolonha no festival Il Cinema Ritrovato): “A característica mais abençoada de Wellman era a sua irreverência, cuja plenitude brilha no absurdo total de NOTHING SACRED, rara entre as mais geniais comédias *screwball* dada a substância patego-imbecil.”

Abençoada característica, abençoado filme. O tema é de facto fúnebre e o seu tratamento é de facto irónico e gasoso. O título anuncia e cumpre, *nada é sagrado*, e este é o filme em que, numa história de contornos jornalísticos ciente do valor público das primeiras páginas, do impacto de uma tragédia individual bem contada e bem seguida pela imprensa, uma suposta doença radioactiva mortal é aparentemente mais defensável do que a conclusão da sua inexistência; em que suposta doente e médico de família se unem num logro que se estende à devoção de uma cidade inteira e atinge a comoção

nacional; ou em que um homem literalmente esbofeteia e esmurga a mulher por quem está apaixonado como prova de amor. Vejamos: Hazel Flagg, a personagem de Lombard, é uma bela rapariga de Warsow, Vermont, entediada pela sua vida provinciana e desejosa de conhecer a grande cidade, Nova Iorque. Quando o médico local erradamente lhe diagnostica seis meses de vida por intoxicação radioactiva a história desperta o interesse da imprensa nova-iorquina que, na figura de um jovem sedutor jornalista do *Morning Star*, a procura para a levar consigo para NY e proporcionar-lhe os melhores (últimos) meses da sua vida em troca do seguimento jornalístico da história – premonição dos anos 1930, provavelmente. A personagem de March, Wally, aterra em Vermont onde, sendo ele ambas as coisas, nem nova-iorquinos nem jornalistas são bem-vindos, e conhece Hazel no choroso momento em que ela acaba de saber que é, afinal de contas, uma rapariga saudável e cheia de anos de vida à sua frente. Perante a proposta do jornalista, na santa ignorância da razão das lágrimas da rapariga, ela não resiste, que a tentação de uma viagem a Nova Iorque é grande. E daqui parte o filme, Nova Iorque com eles.

A chegada é aérea, com o recorte dos arranha-céus como estrela e as imponentes fachadas de repetitivas janelas e terraços a encher os planos (*NOTHING SACRED* faria um bom “double bill” com *BROADWAY BY LIGHT* de William Klein). Em off, uma voz anuncia a ironia que no contexto se impõe: “Nova Iorque, a campeã do mundo dos arranha-céus”, “Nova Iorque, onde espertalhões e sabichões vendem tijolos dourados uns aos outros”. Assim será. Movida pelas parangonas dos jornais, a Nova Iorque deste filme não é uma cidade assim tão diferente da provinciana Warsow, em Vermont. Mas parece. E aí reside o cerne da questão. O que começa por ser uma mentira piedosa adquire uma estonteante repercussão e se “*nothing can stop the press*”, também ninguém parará a mentira, tudo se resolvendo a contento de todos com a elegante desaparição de cena da jovem e bela Hazel anunciada no jornal como uma solitária retirada para a morte, na pegada dos elefantes. Tudo acaba bem, Nova Iorque (de que ela se despede por carta, “*Querida Nova Iorque...*”) a preparar o velório da sua adoptada jovem heroína e esta em viagem romântica com o seu amor (a rapariga e o jornalista apaixonam-se evidentemente) a bordo de um transatlântico.

Entre as muitas divertidas cenas, duas se destacam. A primeira como síntese do espírito do filme, a segunda porque ficou nos anais da comédia *screwball*. Nessa dita primeira, ainda o equívoco da radioactividade de Hazel se não desfez e já os protagonistas estão indisfarçadamente enlevados um pelo outro, um compungido Wally dá conta a Hazel dos preparativos do seu iminente funeral com honras praticamente de Estado enquanto, deitada no seu suposto leito de morte, radiosa e fresca de vida, esta não consegue pensar noutra coisa senão nele, ocorrendo-lhe como paralelo aos preparativos que ele lhe descreve, o dia de S. Valentim (!). A segunda é de antologia, voltamos ao princípio do texto: descoberta a verdade, Wally procura a tudo custo salvar a face de Hazel, o que implica fazê-la parecer doente aos olhos do editor do jornal. Como este está prestes a chegar ao quarto dela, Wally socorre-se do boxe para a fazer parecer doente (transpirada e ofegante) numa coreografada sequência que acaba, após soprado um pedido de desculpas, com um propriamente dito murro na cara dela. *The fight of the century*, anuncia a publicidade de época ao filme. Não é o combate do século, mas é um insólito combate. E uma estimável farsa.

Mais um plano, nota da marca de Wellman: o plano em que os dois enamorados conversam atrás do grande tronco da árvore que lhes oculta os rostos, numa bela e original composição de imagem sobre a qual o cineasta variará logo em *A STAR IS BORN*, ou mais tarde em *THE OX-BOW INCIDENT*, deixando na sombra metade dos rostos de outro casal ou ocultando os rostos em perfil de dois cowboys num grande plano curvo de chapéus.

Maria João Madeira